



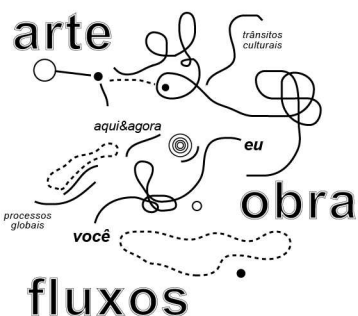
## OLHAR EM MOVIMENTO: DESCONSTRUINDO O CONCEITO DE ECLETISMO

Denise Gonçalves

CBHA

Sabemos que a preocupação com a construção de uma visualidade moderna perpassa as várias manifestações artísticas do século XIX. No que diz respeito à arquitetura, as considerações sobre essa nova visualidade são de tal importância que frequentemente sobrepõem-se à racionalidade das questões de ordem estrutural e tecnológica. Apesar da ênfase no desenho e na composição que privilegiam o objeto arquitetônico fragmentado em planos e detalhes, os princípios dessa nova visualidade se baseiam nas relações entre obra e espaço, referindo-se não apenas ao objeto em si e sua espacialidade interna mas, principalmente, ao edifício em suas relações com o espaço maior da cidade. Visto sob esse prisma, o ornamento adquire um papel fundamental na nova espacialidade urbana como o instrumento que proporciona a leitura das hierarquias da cidade moderna. O que pretendemos discutir neste trabalho são as modalidades dessa leitura.

A partir do século XVIII a analogia com o corpo humano, que constitui a base do classicismo, se estende à cidade : esta passa a ser considerada como um organismo vivo e complexo e, principalmente, como lugar de circulação : do ar, de pessoas, veículos, etc. Não é por acaso que as vias tornam-se “artérias”. Essa idéia de movimento se intensifica no XIX a ponto de desfazer o conceito de organismo fechado que perdurara desde a Antigüidade: a cidade moderna parte da



## XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

eliminação das muralhas e torna-se um nó dentro de um sistema maior de circulação na escala do território; ao mesmo tempo em que na escala urbana a centralidade se fragmenta em diversos pontos de desaceleração dos fluxos.

A nova visualidade do espaço urbano é pensada então em função desse movimento. Por conseqüência, a leitura proporcionada pelo ornamento é feita por um olhar também em movimento, e que por isso percebe mais o conjunto que os detalhes. Daí, e apesar da variedade do repertório ornamental, a impressão de monotonia e uniformidade tão condenada pela crítica oitocentista ao modelo urbanístico haussmaniano.

Sob essa ótica, a consideração do ornamento na arquitetura do XIX ultrapassa em muito a classificação estilística, e nos leva a desconstruir o próprio conceito de Eclétismo: muito além de estilo, este consistiu-se num sistema que engendra uma espacialidade urbana de percepção cambiante. Trazendo o problema para o nosso contexto, pretendemos ampliar a discussão sobre a arquitetura do período.

### **Arquitetura/cidade oitocentistas, visualidade urbana, eclétismo**